

revista
CIDADES

volume 12 | número 21 | 2015

URBANIZAÇÃO DIFUSA

SUMÁRIO

PALAVRAS DO EDITOR.....	1
<i>Silvana Maria Pintaudi</i>	
DOSSIÊ: URBANIZAÇÃO DIFUSA E CIDADE DISPERSA	
APRESENTAÇÃO.....	2
<i>Maria Encarnação Beltrão Spósito</i>	
CONTRAURBANIZAÇÃO, PERIURBANIZAÇÃO, CIDADE DISPERSA E REDE DE CIDADES NA ITÁLIA	14
Counter-urbanization, peri-urbanization, disperse city and city networks in Italy	
GIUSEPPE DEMATTEIS	
CONTRO-URBANIZZAZIONE, PERIURBANIZZAZIONE, CITTA' DISPERSA E RETI DI CITTA' IN ITALIA.....	35
Counter-urbanization, peri-urbanization, disperse city and city networks in Italy	
GIUSEPPE DEMATTEIS	
MANIFESTACIONES DE LA DISPERSIÓN URBANA EN EL ENTORNO DE LAS CIUDADES MEDIAS: RESPUESTAS CONVERGENTES EN CONTEXTOS DIFERENTES.....	55
Manifestations of the urban dispersion in the environment of the medium sized cities. Convergent answers in different contexts	
FRANCISCO CEBRIÁN ABELLÁN	
DISPERSÃO URBANA E MODERNIZAÇÃO CAPITALISTA.....	91
Urban dispersion and capitalist modernization	
NESTOR GOULART REIS	
FORMA E EXPANSÃO URBANAS NO BRASIL: FATOS E HIPÓTESES. PRIMEIROS RESULTADOS DO BANCO DE DADOS BRASIPOLIS.....	108
Shape of agglomeration and urban sprawl in brasil: facts and hypothesis first results from brasipolis database	
CATHY CHATEL E MARIA ENCARNÇÃO BELTRÃO SPOSITO	
FORME ET ETALEMENT URBAIN AU BRESIL: FAITS ET HYPOTHESES PREMIERS ENSEIGNEMENTS DE LA BASE DE DONNEES BRASIPOLIS.....	153
Shape of agglomeration and urban sprawl in brasil: facts and hypothesis first results from brasipolis database	
CATHY CHATEL E MARIA ENCARNÇÃO BELTRÃO SPOSITO	
A DISPERSÃO URBANA É MESMO “URBANA”? DINÂMICAS ESPACIAIS E VALORES ANTROPOLÓGICOS NA FRANÇA.....	197
L'étalement urbain est-il vraiment “urbain”? Dynamiques spatiales et valeurs anthropologiques en France	
François Moriconi-Ebrard	

L'ETALEMENT URBAIN EST-IL VRAIMENT « URBAIN » ? DYNAMIQUES SPATIALES ET VALEURS ANTHROPOLOGIQUES EN FRANCE.....	225
A dispersão urbana é mesmo “urbana”? Dinâmicas espaciais e valores antropológicos na França	
<i>François Moriconi-Ebrard</i>	
DISPERSÃO URBANA: APONTAMENTOS PARA UM DEBATE.....	250
Dispersion urbaine: notes pour un débat	
<i>IGOR CATALÃO</i>	
CIDADES EXCÊNTRICAS OU NOVAS PERIFÉRIAS?.....	278
Eccentric cities or new peripheries?	
<i>ESTER LIMONAD E HELOISA SOARES DE MOURA COSTA</i>	
CIDADES E CENTRALIDADES NA AMAZÔNIA: DOS DIFERENTES ORDENAMENTOS TERRITORIAIS AO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DIFUSA.....	305
Cities and urban centralities in the amazon region: from the different territorial arrangements to the diffuse urbanization process	
<i>SAINT-CLAIR CORDEIRO DA TRINDADE JÚNIOR</i>	
NA BUSCA DE SIMILITUDES... A DIVERSIDADE NA URBANIZAÇÃO E NA DISPERSÃO URBANA SURGE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO PÓS-1990.....	335
In seeking for similitudes... The diversity in urbanization and in urban dispersion arises in the state of Rio de Janeiro in post-1990	
<i>MARIA DE LOURDES PINTO MACHADO COSTA E TATIANA DE SOUZA GASPAR</i>	
ORIGENS E EVOLUÇÃO DO PROCESSO DE DISPERSÃO URBANA NO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE.....	359
The origins and evolution of urban sprawl process in the vale do paraíba fluminense (Rio de Janeiro-Brazil)	
<i>JÚLIO BENTES</i>	
TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA ÁREA METROPOLITANA DE FORTALEZA – A EXPANSÃO NO EIXO SUDESTE.....	400
Recent changes in metropolitan area of Fortaleza-Ce, Brasil – expansion in southeast axis	
<i>BEATRIZ HELENA NOGUEIRA DIÓGENES</i>	
FORA DO DOSSIÊ	
O MUNDIAL E O PLANETÁRIO.....	441
<i>HENRI LEFEBVRE</i>	

TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA ÁREA METROPOLITANA DE FORTALEZA - A EXPANSÃO NO EIXO SUDESTE

BEATRIZ HELENA NOGUEIRA DIÓGENES

Universidade Federal do Ceará

Fortaleza/CE

bhdiogenes@yahoo.com.br

RESUMO

Esse texto tem como objetivo apresentar uma análise das formas mais recentes de expansão da área metropolitana de Fortaleza, que têm produzido mudanças no tecido urbano, apontando para a configuração de um novo modelo espacial, em consonância com os processos de urbanização contemporânea. O artigo pretende abordar, de início, aspectos teórico-conceituais acerca das tendências da urbanização atual. Serão enfocados conceitos ligados ao tema e estudos formulados por autores que tratam dos fenômenos urbanos recentes, verificados desde as últimas décadas do século XX, de maneira a melhor compreender as transformações em curso na área em estudo. Após a caracterização da metrópole cearense e algumas considerações acerca do processo recente de expansão, será analisado com maiores detalhes um dos eixos de crescimento urbano da metrópole, aquele considerado o mais dinâmico e que apresenta mudanças mais significativas, com tendências à dispersão urbana em certas áreas.

PALAVRAS-CHAVE: Metrópole. Expansão. Urbanização dispersa. Fortaleza.

RECENT CHANGES IN METROPOLITAN AREA OF FORTALEZA-CE, BRASIL – EXPANSION IN SOUTHEAST AXIS

ABSTRACT

This report presents an analysis of the more recent mechanisms of expansion in the metropolitan area of Fortaleza, in the Brazilian state of Ceará, which have resulted in changes in the urban fabric and suggest the development of a new

spatial model, aligned with contemporary processes of urbanization. This article starts out by addressing the theoretical and conceptual aspects of current trends in urban development. It focuses on concepts related to the theme and on studies by other authors who have dealt with the newer aspects of urban development we have been witnessing since the last decades of the twentieth century, using them as a means to better understand the transformations underway in the study area. Following a description of the Fortaleza metropolitan region and some thoughts on the recent expansion of this metropolis, this paper goes on to analyze in greater depth one axis of urban growth - the one considered the most dynamic and causing the more significant changes, including a trend towards urban dispersion in some areas.

KEYWORDS: Metropolis. Expansion. Dispersed urbanization. Fortaleza.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA

O desenvolvimento urbano das metrópoles contemporâneas tem ensejado investigações esclarecedoras acerca dos tipos e naturezas das novas espacialidades que surgem. Esses espaços revelam formas de distribuição territorial diferenciadas, bastante distintas daquelas preexistentes.

Presentemente, áreas urbanas de diferentes tamanhos e com diversidade de papéis vêm conhecendo transformações intensas. Efetivamente, trata-se de novos modos de produção e apropriação do espaço, imbricados no surgimento de sistemas urbanos com formas mais complexas e no crescimento de áreas metropolitanas, com o aparecimento de periferias novas e diversificadas.

Diante desse quadro, uma estrutura conceitual baseada na dicotomia centro-periferia, campo-cidade ou rural-urbano, a qual parece diluir-se a partir das transformações tecnológicas e sociais – econômicas, políticas e culturais – que

marcaram as últimas décadas do século XX, já não se mostra suficiente para descrever de maneira eficaz a realidade urbana atual. Sob essa perspectiva, pretende-se aqui desenvolver algumas considerações de caráter teórico-metodológico sobre as tendências da urbanização atual, a fim de que se possa melhor compreender como ocorre o processo em curso na área metropolitana de Fortaleza.

É incontestável a emergência de mudanças significativas, de várias tendências, desde o final do século XX e princípio do século XXI, que vêm alterando a dinâmica urbana atual. Constata-se, de início, uma elevação acentuada dos índices de urbanização, com um acréscimo expressivo da população urbana¹, evidenciando um novo estágio de organização da vida social do território: o da urbanização total.

Segundo Reis, (2006, p. 20), uma das características mais importantes da passagem do milênio “é o surgimento de sociedades nas quais desaparece a população rural e, ao mesmo tempo, os setores sociais urbanos se apropriam extensamente dos territórios ao seu redor, para implementação de seus modos de vida, agora de forma dispersa”. Sobre o panorama atual da urbanização, ele assinala:

No final do século XX estava claro que a industrialização nos conduzia à formação de sociedades plenamente urbanizadas e que essa urbanização já não apresentava as mesmas características do período anterior. O mundo urbano havia mudado, de modo amplo e em ritmo mais acelerado do que poderíamos prever algumas décadas antes. (REIS, 2006, p. 23).

Para muitos autores que se dedicam a estudar as formas urbanas contemporâneas, o fenômeno que dá início a esse processo de transformações está li-

¹ Somente no Brasil, a população urbana passou de 36,2%, em 1950, para 81,2%, em 2010 (Censo IBGE).

gado às intensas mudanças econômicas ocorridas que, por sua vez, estão relacionadas com o processo de globalização² econômico-cultural. Assim sendo, os novos arranjos espaciais são em grande parte decorrentes dessas mudanças “que incidem de forma decisiva na modificação da estrutura e do funcionamento urbano pré-existente, marcando o surgimento de uma nova paisagem e uma nova forma urbana” (DE MATTOS, 2004, p. 177).

Além das modificações verificadas na economia, o desenvolvimento tecnológico (telecomunicações) permitiu novas formas de produção espacial urbana, que resultam na dispersão das cidades e dos espaços metropolitanos, formando periferias novas, distintas das tradicionais.

Em síntese, o novo contexto que caracteriza a organização social mundial desde as últimas décadas do século passado, é resultado: da reorganização produtiva, como passagem para uma nova etapa na evolução do capitalismo; da modernização do sistema financeiro; da revolução informacional e da automação; da complexidade das mudanças tecnológicas que ganham força no panorama mundial; da ampliação do consumo e universalização dos hábitos e formas de vida urbana; da adoção de novos modos de vida por parte da população; e do incremento da mobilidade.

² Anthony Giddens (1991) define a globalização como a conjunção dessas mudanças tecnológicas e mercantis e a consolidação de mercados de natureza planetária, proporcionando a circulação global de dinheiro e informações, historicamente coincidentes com o desaparecimento da URSS e o esgotamento da divisão moderna do mundo bipolar. Por sua vez, Néstor Canclini (2007) a identifica como um processo que envolve múltiplos aspectos, como por exemplo a transnacionalização, em que há internacionalização da economia e da cultura, gerando empresas e movimentos cuja sede não se encontra territorializada numa só nação.

Cabe ressaltar, portanto, que os avanços decorrentes dos processos de reestruturação produtiva³ e das novas tecnologias de informação e comunicação, aliados às transformações na esfera do consumo⁴ e da vida cotidiana, modificam a organização e o funcionamento das principais aglomerações urbanas e metropolitanas, afetando sua dinâmica e sua configuração espacial. “Desse conjunto de mudanças decorre a presença crescente do que podemos chamar de ‘novas territorialidades’, com novas configurações para as formas materiais da urbanização” (REIS, 2007, p. 40). As áreas de urbanização concentrada são agora associadas a áreas mais dispersas, resultado de um processo de urbanização ao mesmo tempo fragmentado e extensivo sobre o território. A ampliação e a facilidade das tecnologias de comunicação e de transporte garantem a acessibilidade, de modo que se formam espaços urbanos cada vez mais extensos e descontínuos, porém ligados em rede.

A preponderância dos fluxos⁵ de informações, de pessoas ou de mercadorias em rede não coincide mais com a lógica tradicional dos lugares. Assiste-se a uma expansão intensa do caráter metropolitano, revelando transformações diferentes do que ocorria anteriormente. Diante desse quadro, o debate sobre as recomposições urbanas tem se intensificado, e diversos autores chamam a atenção para as mudanças recentes nas aglomerações urbanas:

³ A reestruturação produtiva, resultado de determinações econômicas e de transformações na base técnica de produção, está em curso desde o final dos anos 1980-1990, e mais intensamente a partir da segunda metade da década de 1990, influenciando na alteração do cenário urbano, na redefinição dos espaços e na reconfiguração de territórios.

⁴ A emergência da “lógica do consumo” que caracteriza a fase atual do capitalismo interfere não só na produção de bens, mas transforma quase tudo em mercadoria, inclusive o espaço. A atividade turística, por exemplo, tal como é exercida na atualidade, representa bem essa prática.

⁵ O conceito de “espaço de fluxos” foi introduzido por Castells (1999) para designar a organização material urbana da sociedade contemporânea, na qual os fluxos (de capital, de informação, de tecnologia etc.) são a forma predominante de relação. De acordo com o autor (CASTELLS, 1999, p. 501), “os fluxos são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica” e, para tanto, há uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam e moldam essa sociedade em rede: o espaço de fluxos.

As últimas inovações tecnológicas unidas a complexas mudanças de caráter econômico e social estariam dando como resultado uma ruptura generalizada nas pautas de localização de praticamente todos e cada um dos elementos que compõem as aglomerações urbanas por distintas que elas sejam. (MONCLÚS, 1998, p. 8, tradução nossa).

Essas mudanças, decorrentes das novas estruturas econômicas da sociedade, têm como consequência alterações decisivas nas paisagens urbanas e no modo de vida de seus habitantes. (FONT, 1999, p. 2, tradução nossa).

As várias faces da urbanização contemporânea consistem, de fato, num fenômeno mundial que atinge as diversas sociedades existentes, de diferentes culturas, e ante a ineficácia do instrumental teórico convencional para explicá-lo, os estudiosos das questões urbanas tentam apreender as complexas dinâmicas que afetam a urbanização recente, buscando definir suas causas e efeitos, bem como identificar as múltiplas tendências.

Esses processos vêm sendo observados e diferentemente conceituados em distintas partes do mundo, principalmente desde a década de 1990, quando aparecem inúmeros trabalhos, de vários autores, em diversas disciplinas, com a finalidade de analisar e explicar a lógica do desenvolvimento e das transformações que vêm ocorrendo no mundo urbano atual. Uma abundante bibliografia revê a questão da urbanização a partir de critérios novos e, sobretudo, de novas avaliações.

Em seus diferentes locais de origem, em seus respectivos países, pesquisadores têm se dedicado a observar e analisar o tema. Arquitetos, sociólogos e urbanistas europeus, como Nuno Portas, Solà-Morales, Bernardo Secchi, Francesco Indovina, Antonio Font, François Ascher, Giuseppe Dematteis, Thomas Sieverts, Peter Hall e Jordi Borja, têm elaborado estudos importantes de interpretação da metrópole europeia e desenvolvido análises e trabalhos relevantes sobre os novos fenômenos urbanos.

Para Javier Monclús, urbanista catalão que investiga a realidade metropolitana de Barcelona, percebe-se, de fato, nos últimos anos, “a eventual transformação da cidade compacta tradicional em um novo tipo de cidade, cada vez mais dispersa e fragmentada, como consequência dos processos de suburbanização recentes” (MONCLÚS, 1998, p. 5, tradução nossa). Trata-se, conforme o autor, de um “novo ciclo da urbanização, caracterizado por uma redução do crescimento demográfico e pela expansão territorial dos usos urbanos” (MONCLÚS, 1998, p. 11, tradução nossa). Segundo o autor, o advento da cidade dispersa é resultado do processo de ampliação das periferias, fenômeno que se torna cada vez mais generalizado no mundo.

Antonio Font, em sua obra *La construcció del territori metropolità - morfogènese de la regió urbana de Barcelona* (FONT, 1999), analisa as mudanças no processo de urbanização daquela área, desde meados do século XIX até o presente, com ênfase nas fases mais recentes, quando identifica na região um crescimento por dispersão, que caracteriza a metrópole dos anos 1980: “a descontinuidade física e a fragmentação territorial têm sido a expressão formal e funcional mais clara deste processo de difusão da atividade e da população sobre o território” (FONT, 1999, p. 2, tradução nossa). O autor ainda procura discutir e esclarecer os conceitos relativos a dispersão e difusão. No seu entender, dispersão é um conceito de natureza topológica e se refere à cidade estendida, fragmentada, enquanto difusão está ligada principalmente à propagação de um modo de vida e de valores urbanos.

Para Bernardo Secchi (2004), entre os anos 1960 e 1980 do século XX, a cidade europeia “sai definitivamente de um período moderno para entrar noutra cujas linhas não estão ainda totalmente e nem sequer em boa parte definidas”. Na Itália, ele trata o fenômeno como urbanização difusa, ao referir-se à região do

Vêneto⁶. E afirma que em toda a Europa, a cidade difusa assumiu dimensões enormes, compreendendo regiões inteiras e parte do continente:

Com maior ou menor evidência, as cidades parecem dispersar-se em uma espécie de nebulosa difusa sobre o território, da qual se torna difícil descrever a forma e a organização espacial, econômica e social, dizer onde se encontra o centro e a periferia e quais seriam as partes constitutivas e suas características. (SECCHI, 2004, p. 146, tradução nossa).

O autor destaca, ao se referir a certas regiões italianas, que

[...] houve uma radical mudança da natureza e das características da cidade, ao se conformar, na Itália, uma nova e extensa parte da cidade, diferente do passado, que alguns denominam de cidade difusa e que não constitui o lógico e necessário desenvolvimento da cidade moderna, nem tão pouco representa uma forma degradada desta. Eu denomino esta nova forma urbana, que abarca a cidade antiga, a cidade moderna e a cidade difusa sob o termo “cidade contemporânea”, com a qual devemos nos enfrentar nos próximos anos (SECCHI, 2004, p. 152, tradução nossa, grifo nosso).

Os conceitos de urbanização difusa e cidade difusa já haviam sido utilizados anteriormente por Francesco Indovina (1990) para apreciar e interpretar o fenômeno específico de organização do território, fazendo referência à região do Vêneto central, onde essa forma assumiu um caráter mais evidente. Para o autor, é preciso “interpretar tais transformações precisamente porque elas não se apresentam como uma continuação do fenômeno precedente, mas porque o fazem quase como uma mudança de estado” (INDOVINA, 2004, p. 49).

⁶ Para Secchi, o caso italiano lhe parece particularmente significativo e emblemático, pois considera que muitas das características da cidade europeia se apresentam tal como são vistas na Itália. O Vêneto, segundo o autor, é uma das regiões “que primeiro incita, a partir dos anos setenta, o estudo das novas características do fenômeno urbano” (SECCHI, 2004).

O sociólogo francês François Ascher, em sua obra *Metapolis ou l'avenir des villes* (ASCHER, 1995), procura destacar a importância do desenvolvimento tecnológico, dos transportes e da comunicação na urbanização recente. Sua hipótese é a de que está surgindo uma nova forma urbana que parece ultrapassar e englobar, de diversos pontos de vista, as metrópoles que conhecemos até o presente. Ascher (1995) cunhou o termo *metápolis* para designar essas aglomerações extensas, descontínuas, heterogêneas e multipolarizadas, que revelam uma nova fase do processo de urbanização.

Uma *metápolis* é o conjunto de espaços onde todos ou parte dos habitantes, das atividades econômicas ou do território estão integrados no funcionamento cotidiano de uma metrópole. Uma *metápolis* constitui, da mesma forma, um único grande conjunto de emprego, de habitação e de atividades. Os espaços que compõem uma *metápolis* são profundamente heterogêneos e não necessariamente contíguos. Uma *metápolis* compreende pelo menos algumas centenas de milhares de habitantes. (ASCHER, 1995, p. 34, tradução nossa).

Já em *Les nouveaux principes de l'urbanisme* (ASCHER, 2001), o mesmo autor destaca mudanças tanto no processo quanto na forma urbana propriamente dita, as quais tornam imprecisos os limites entre o urbano e o rural e resultam nas grandes conurbações e em novas configurações de redes urbanas.

O italiano Giuseppe Dematteis, por sua vez, utiliza as expressões periurbanização e difusão reticular⁷ para se referir às novas morfologias urbanas observadas nas cidades europeias:

Os recentes processos de periurbanização e de difusão reticular da cidade estão dando origem a periferias urbanas de um tipo muito distinto

⁷ Para Dematteis (1998, p. 4, tradução nossa), a periurbanização constitui “a situação na qual o crescimento depende apenas das funções de serviço de um pólo urbano inserido num contexto regional relativamente pobre, tanto de serviços, como de atividades produtivas. Já a difusão reticular (cidade difusa) é caracterizada por tecidos mistos, residenciais e produtivos (industriais, terciário-produtivos, agro-industriais e turísticos), derivados de dinâmicas endógenas do tipo ‘distrito industrial’, ou da descentralização metropolitana de raio mais amplo”.

daquelas que haviam se formado na Europa desde a revolução industrial até a década de 1960. Estas novas periferias são o resultado de profundas mudanças nas estruturas territoriais urbanas, nas tecnologias da comunicação e da informação, na organização e na regulação social, pelas quais têm passado os países industrializados a partir dos finais da década de 1960. (DEMATTEIS, 1998, p. 17, tradução nossa).

Nuno Portas, que investiga as mudanças nas configurações territoriais em Portugal, principalmente nas regiões do norte, ressalta que por volta dos anos 1970 o assunto já começava a preocupar os europeus. Em seus estudos, enfoca as novas relações centro-periferia, reportando-se às rupturas nos limites das cidades e das metrópoles. Também se refere às cidades como sistemas urbanos contínuos, ou sistemas em rede, os quais, no seu entender, constituem “verdadeiras nebulosas”. Portas (2003) destaca algumas das características do que ele denomina cidade contemporânea:

As discontinuidades dos contornos e também dos próprios fluxos e espaços públicos, bem como a diversidade das centralidades, densidades e morfologias, não têm paralelo no quase meio milênio de história urbana moderna, que termina com o próprio modelo metropolitano e, com ele, o dualismo centro-periferias que agora se esgota para dar lugar a situações muito mais complexas. (PORTAS, 2003, p. 16).

Não só na Europa, mas também nas Américas, diversos pesquisadores vêm igualmente estudando as novas formas de organização física e funcional adquiridas pela urbanização contemporânea, problemática que já é uma constante na reflexão urbanística das últimas décadas. Nos Estados Unidos, destacam-se os estudos de David Harvey, Edward Soja, Neil Smith, Saskia Sassen, Mark Gottdiener, Joel Garreau e Manuel Castells, todos empenhados em estudar as transformações por que passam as metrópoles contemporâneas.

Edward Soja, em sua obra “Geografias Pós-modernas” (SOJA, 1993), traz o debate da pós-modernidade no exame da aglomeração de Los Angeles:

[...] um processo espraiado e polinuclear de descentralização caracterizou a geografia histórica das cidades capitalistas desde o século XX. Sob muitos aspectos, Los Angeles foi e continua sendo um caso exemplar desse crescimento urbano/suburbano descentralizado. À medida que as sub-regiões industriais e residenciais mais antigas declinaram, a periferia regional se expandiu, nos últimos vinte anos, num ritmo que talvez não tenha sido superado em nenhum outro lugar do país. (SOJA, 1993, p. 252).

O autor, entretanto, chama a atenção para o fato de que as mudanças não estão ocorrendo somente em Los Angeles, mas em maior ou menor grau, em todo o mundo. Ainda que adotem formas específicas, em lugares específicos, constituem processos gerais. Para ele, parece não haver dúvidas que algo realmente excepcional está acontecendo na metrópole moderna desde o último quartel do século XX. Em seu livro *Postmetropolis - critical studies of cities and regions* (SOJA, 2000), Soja adota o termo pós-metrópole para caracterizar esse espaço e justifica:

Elegi o uso de “pós-metrópole” (em oposição à metrópole moderna) como um termo geral para ressaltar as diferenças entre regiões urbanas contemporâneas e aquelas que se consolidaram nas décadas de meados do século XX. [...] O prefixo pós marca a transição entre o que se convencionou chamar de metrópole moderna e algo significativamente diferente, novas formas pós-modernas e modelos de vida urbana que estão em constante duelo com os estilos bem estabelecidos de análises urbanas. (SOJA, 2000, p. xiii, tradução nossa).

Já Joel Garreau (1991) lançou o conceito de *edge cities*⁸ no final dos anos 1980, consideradas por ele como núcleos do novo processo de urbanização, que se caracterizam pela presença de grandes áreas destinadas a escritórios, além de

⁸ O autor assim justifica a utilização do termo “edge city”: “I have come to call these new urban centers *Edge City*. *Cities*, because they contain all the functions city ever has, albeit in a spread-out form that few have come to recognize for what it is. *Edge* because they are a vigorous world of pioneers and immigrants, rising far from the old downtowns, where little safe villages or farmland lay only thirty years before.” (GARREAU, 1991, p. 4).

serviços. O autor relata a proliferação desses lugares ao redor de Boston, Nova York, Detroit, Atlanta, Phoenix, Texas, sul da Califórnia, área da baía de S. Francisco e Washington D.C., formando áreas de trabalho e centros de serviços ao redor dos quais quilômetros e quilômetros de unidades residenciais cada vez mais densas e de uma só família organizam a vida familiar “centrada na casa”.

Manuel Castells (1999) introduz o conceito de espaço de fluxos para entender a metrópole na atualidade. Segundo o autor, os fluxos de intercâmbio são os componentes essenciais da *edge city* norte-americana, e essa forma espacial é sem dúvida muito específica dos Estados Unidos.

No que se refere à América Latina, o tipo de expansão urbana que começa a predominar no mundo inteiro adquire manifestações específicas nas cidades de economias emergentes, onde diversos núcleos urbanos, até então isolados, são absorvidos pela mancha urbana em expansão, ou simplesmente incorporados à dinâmica metropolitana.

O arquiteto chileno Carlos de Mattos, da Pontifícia Universidade Católica do Chile, coordena um grupo de estudos que abrange pesquisadores de toda a América Latina, denominado “Globalização e Expansão Metropolitana”, voltado para a investigação dos fenômenos urbanos recentes percebidos nas metrópoles latino-americanas. Em seu artigo “Globalização, urbanização da economia e expansão metropolitana”, De Mattos (1999) refere-se à expressão metrópole expandida para designar essa modalidade de expansão urbana:

Talvez o traço mais relevante para caracterizar as áreas metropolitanas da época da globalização e desregulamentação seja uma incontrolável tendência à suburbanização e/ou periurbanização a partir dos núcleos urbanos originais, em um processo no qual a mancha metropolitana se expande de forma incessante, ocupando as áreas rurais que encontra, transbordando os limites urbanos definidos no momento anterior. As-

sim, a área urbana herdada no período do desenvolvimento, cujos limites apareciam desenhados de forma relativamente mais precisa e nítida, vai dando lugar a uma metrópole-região, de fronteiras difusas, em contínua expansão (DE MATTOS, 1999, p. 13).

Para o autor, “a cidade da globalização ocupa um território que continua se dilatando de forma dispersa e descontínua, ultrapassando e acabando com os limites e a morfologia pré-existentes, o que leva à formação de uma estrutura policêntrica de fronteiras móveis” (DE MATTOS, 2004, p. 190).

Diante do exposto, os conceitos e as definições de cidade, metrópole, urbanização, região urbanizada, metropolização etc. têm exigido novas reflexões, e muitos autores, em seus estudos, consideram necessário propor novos termos para se referir às formas urbanas emergentes, “já que os utilizados anteriormente não seriam mais apropriados” (DE MATTOS, 2004).

Na busca de respostas para a compreensão desse fenômeno, surge uma nova nomenclatura, conforme foi visto, em função do objeto de estudo ou da interpretação individual de cada pesquisador. São propostas novas denominações, tais como: cidade informacional (CASTELLS, 1989), cidade difusa (INDOVINA, 1990, 2005), cidade global (SASSEN, 1991), metápole (ASCHER, 1995), cidade pós-moderna (AMENDOLA, 1997), cidade reticular (DEMATTEIS, 1998), metrópole alargada (PORTAS, 2001), metrópole expandida (DE MATTOS, 1999), pós-metrópole (SOJA, 2000), cidade dispersa (MONCLÚS, 1998), *zwischenstadt*, ou cidade sem limites (SIEVERTS, 2004). Além de outras, como *megacities* (HALL, 1993), *global cities* (CASTELLS, 1996), *edge cities* (GARREAU, 1991), *tecnoburb* ou *tecnocity* (FISHMAN, 1987), *post-city age* (WEBBER, 1964).

Todos esses termos e expressões são exemplos de como a literatura especializada tem tratado a questão da urbanização recente. O que se observa, entretanto, é que parece não ter surgido ainda uma nomenclatura específica e adequada para designar essa nova e distinta realidade. A falta de consenso é, principalmente, resultado do caráter complexo da realidade urbana contemporânea.

Para Reis (2006, p. 52) a terminologia baseada em sufixos e prefixos “não dá conta das mudanças em curso – apenas é eficiente em expressar a ideia de inovação. Nossa opção fica, portanto, vinculada ao conceito de processo de urbanização e à noção de processo de dispersão urbana”.

São grandes as dificuldades encontradas para descrever as formas de organização urbana que estão surgindo, pela sua multiplicidade, sua fluidez e seu ineditismo. Explicações naturalistas, tecnicistas ou economicistas são propostas, todavia, elas não esgotam a compreensão do fenômeno, visto cada uma delas mostrar-se insuficiente para dar conta, de forma eficaz, dos novos processos de urbanização. No entanto, vale ressaltar que algumas características gerais importantes podem ser destacadas como comuns a esses espaços:

- a tendência a uma dilatação progressiva dos limites externos das áreas fortemente aglomeradas, evidenciando uma fluidez ou dissolução dos limites urbanos;
- a expansão das cidades e dos espaços metropolitanos para escalas territoriais cada vez mais ampliadas;
- a emergência de morfologias espaciais que conformam uma urbanização descontínua em relação ao tecido urbano da cidade compacta tradicional;
- a formação de um tecido urbano muito diferente do anterior, com configurações específicas;
- o surgimento de periferias urbanas de um tipo distinto daquelas que se formavam até a década de 1970;
- a diminuição dos índices médios de densidade urbana, resultado da ampliação do tecido urbano, em comparação com o crescimento demográfico.

Além disso, algumas outras dinâmicas são percebidas na estruturação da metrópole atual, entre elas: a produção de novas formas de centralização, com a descentralização progressiva das atividades, gerando uma policentralidade; a fragmentação do território, com especialização das partes; o surgimento de

áreas residenciais com baixas densidades; a desconcentração e formação de áreas de urbanização dispersa, separadas no espaço, mas mantendo estreitos vínculos entre si, como partes de um único sistema urbano (REIS, 2006).

Por outro lado, convém assinalar que, embora de maneira geral seja possível determinar, em termos de desenvolvimento urbano, processos comuns ao que acontece na Europa, nos Estados Unidos e nas Américas Central e Latina, ao se analisarem esses fenômenos, faz-se necessário a devida cautela, em face das diferentes situações e contextos, próprios e específicos de cada região, de cada lugar, de cada país. Trata-se, com efeito, de um processo que atinge várias cidades no mundo, mas que se apresenta com peculiaridades locais, resultantes das dinâmicas de cada formação socioespacial, do nível de desenvolvimento de cada lugar, de sua história e de sua cultura.

No Brasil, a exemplo do que ocorre em outras regiões do mundo, o processo recente de urbanização também tem assumido feições e características diferentes em relação a períodos anteriores e tem sido marcado, sobretudo nas áreas metropolitanas, pelo surgimento de novas periferias urbanas, bem mais complexas e diferenciadas das periferias⁹ que caracterizaram décadas anteriores.

Até o início dos anos 1980, a maioria das metrópoles brasileiras experimentou um processo contínuo e acentuado de crescimento demográfico e espacial. Desde então, algumas mudanças se fizeram observar e, atualmente, a extensão do tecido urbano assume formas diferenciadas, espacialmente dispersas, com crescente diversidade. Identificam-se, além das manchas contínuas urbanizadas, formas e processos descontínuos de urbanização dos espaços, denominados por Reis (2006) como urbanização dispersa.

⁹ Até a década de 1980, nas metrópoles brasileiras “consolidou-se um padrão centro-periferia, com crescente adensamento de atividades econômicas, investimentos públicos e população nas regiões centrais mais valorizadas, circundadas pelo chamado padrão periférico de urbanização, fartamente documentado pela literatura, no qual prevalece a precariedade social e ambiental dos espaços que abrigam parte significativa da população trabalhadora” (COSTA; MONTEMOR, 2007, p. 143).

O fenômeno da dispersão urbana tem sido estudado, no Brasil, com base na constatação da expansão do tecido urbano, com ocupação de áreas em descontinuidade com a aglomeração principal, dotadas de extensos espaços livres, com a predominância de baixas densidades e apoiados nos diversos sistemas de estrutura viária.

Vários pesquisadores têm se dedicado a estudar a problemática urbana atual brasileira, investigando as novas formas de crescimento e os novos padrões físico-espaciais, verificados e discutidos em várias escalas, com o que contribuem para “a reflexão teórico-conceitual sobre o processo de extensão e espraiamento do tecido urbano” (SPOSITO, 2009, p. 38).

O professor Nestor Goulart Reis, conhecedor e estudioso do processo de urbanização brasileira em perspectiva histórica de longa duração¹⁰, tem analisado as mudanças recentes, verificadas desde as últimas décadas do século XX, tomando como base o sistema urbano do estado de São Paulo e suas áreas metropolitanas¹¹.

Reis utiliza preferencialmente a expressão dispersão urbana para tratar do fenômeno, pois lhe parece mais adequada para denominar os processos resultantes das transformações em curso, uma vez que “permite evidenciar as tendências à distribuição de pontos urbanizados sobre a totalidade dos territórios atingidos pelo processo, em meio a áreas tipicamente rurais, em direção a uma relativa homogeneização desses territórios” (REIS, 2006, p. 51). O conceito de

¹⁰ O Professor Nestor Goulart Reis dedica-se ao estudo da urbanização brasileira desde a década de 1960, com diversas publicações na área de História e Teoria da Urbanização, do Urbanismo e da Arquitetura, entre as quais “Urbanização e Teoria” (REIS, 1967) e “Evolução Urbana no Brasil” (REIS, 1968). Desenvolveu um trabalho teórico e metodológico de grande consistência e inegável valor, que constitui referência fundamental no estudo sobre a matéria.

¹¹ Os resultados desses estudos estão reunidos na obra “Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano” (2006), de sua autoria, e os estudos posteriores, que se estenderam a outras regiões do país, nas obras “Brasil - Estudos sobre dispersão urbana” (2007), “Dispersão urbana - diálogo sobre pesquisas Brasil-Europa” (2007) e “Sobre Dispersão urbana” (2009), todos organizados pelo autor.

processo é sempre utilizado (e enfatizado) pelo autor, porque, segundo ele, “é mais adequado metodologicamente para o estudo de mudanças e permite a compreensão delas como o resultado de conjuntos de relações”. Assim, chama a atenção tanto para as mudanças que ocorrem no atual processo de urbanização, quanto, de resto, para o processo geral de urbanização, pois decorrem não apenas de processos físicos, mas também de processos sociais que se confirmam no espaço.

De acordo com o autor (REIS, 2006), a dispersão urbana pode ser caracterizada: pelo esgarçamento crescente do tecido dos principais centros urbanos; pela formação de constelações ou nebulosas de núcleos urbanos¹² e bairros, de diferentes dimensões, integradas em uma área metropolitana ou em um conjunto ou sistema de áreas metropolitanas; pelas mudanças nos transportes diários intrametropolitanos de passageiros; e, finalmente, pela difusão ampla de modos metropolitanos de vida e de consumo, também estes dispersos pela área metropolitana ou sistema de áreas metropolitanas.

No seu entender, são observadas diversas alterações na estrutura e no tecido urbano das aglomerações brasileiras, associadas às características da dispersão urbana, tais como: a intensificação da mobilidade espacial da população, que permite a organização do cotidiano numa escala metropolitana; a adoção de novas formas de ação do mercado imobiliário, com o surgimento de novos programas arquitetônicos e a implantação de empreendimentos de uso múltiplo; a alteração na relação entre espaços públicos e privados; e as novas formas de ocupação e gestão do espaço urbano, com diversificadas formas condominiais.

Outros autores também investigam processos semelhantes em seus locais de origem. A geógrafa Maria Encarnação Sposito (2007), que estuda processos de expansão e dispersão em cidades do interior de São Paulo, assinala que se

¹² Esses núcleos urbanizados, entretanto, estão separados da cidade tradicional, mas mantêm vínculos estreitos com as demais áreas da cidade, como parte de um único sistema urbano (REIS, 2006).

verificam, atualmente, novas formas de crescimento territorial urbano e acrescenta outras características que definem a urbanização dispersa, ou seja, a tendência à constituição de uma morfologia urbana descontínua, à formação de novos núcleos concentrados que promovem uma estruturação polinucleada, e à relação do processo com a metropolização.

Tudo isso implica novas formas de produção do espaço urbano e a constituição de tecidos urbanos “marcados por discontinuidades territoriais e que geram, em muitos casos, dinâmicas que ampliam as formas de segregação socioespacial e propiciam fragmentação socioespacial” (SPOSITO, 2007, p. 9). A autora destaca ainda que esse espraiamento do tecido urbano, seja ele analisado ou conceituado pelo seu caráter de dispersão, difusão ou discontinuidade territorial, reavalia a distinção entre o que se considera campo e o que se considera cidade¹³.

A arquiteta Heloisa Soares de Moura Costa estuda a expansão espacial recente do tecido urbano na Região Metropolitana de Belo Horizonte, sobretudo sob a perspectiva das políticas urbanas e gestão metropolitana. Segundo a autora, os processos de reprodução contemporânea da metrópole, em toda a sua complexidade, têm se verificado com características simultâneas de dispersão e fragmentação, resultando em “novas periferias metropolitanas” (COSTA, 2006). Em Minas também se destacam os estudos do arquiteto Roberto Luís Monte-Mór, que introduziu o conceito de urbanização extensiva para caracterizar as formas urbanas que nascem nas cidades e se estendem além delas, sobre os campos

¹³ “A unidade espacial da cidade, em contraponto ao campo, encontra-se em processo de dissolução, em função do espraiamento do tecido urbano e da diminuição relativa das taxas de densidade demográfica em espaços urbanos e periurbanos. Cada vez menos se percebe com clareza onde termina a cidade e começa o campo. Cada vez mais se intensificam os fluxos de pessoas e mercadorias entre espaços rurais e urbanos e o uso do tempo social cotidiano vem-se dividindo entre ambientes e paisagens que, segundo enfoques conceituais correntes, poderiam ser considerados como campo e como cidade” (SPOSITO, 2009, p. 40).

e regiões. Conforme salienta o autor, esse “tecido” é uma manifestação socioespacial da organização urbano-industrial contemporânea, que “abarca, virtualmente, todo o espaço social” (MONTE-MÓR, 2006).

No Rio de Janeiro concentram-se as pesquisas da arquiteta Ester Limonad, que analisa a dispersão urbana em áreas “economicamente dinâmicas do interior fluminense, em que há uma predominância de atividades industriais e/ou de turismo de veraneio, com maior ênfase nas áreas próximas às rodovias de acesso” (LIMONAD, 2009, p. 114). A autora identifica características da urbanização dispersa nessas áreas, as quais manifestam uma organização espacial em rede de aglomerados urbanos de distintas dimensões e importância diversa. E descreve com clareza algumas das principais particularidades da dispersão urbana:

Enquanto a cidade compacta de períodos precedentes apresentava uma estrutura simples com zonas bem definidas, essa estrutura se diversifica e complexifica conformando um tecido urbano que ultrapassa os limites da cidade [...]. A urbanização na atual etapa, por conseguinte, é entendida, aqui, como um processo que não está mais restrito à cidade, que extravasa os limites da aglomeração física de edificações, infraestruturas e atividades [...]. (LIMONAD, 2007, p. 33).

Todos esses estudos e muitos outros, elaborados recentemente, constituem trabalhos de investigação que buscam compreender, sob distintos enfoques disciplinares, as dimensões e os desafios do multiforme território urbano contemporâneo. Um ativo debate tem sido suscitado em publicações acadêmicas acerca das consequências desse processo de mudanças.

Diante do exposto, fica a certeza de que a urbanização contemporânea manifesta complexas relações entre processo social e forma espacial, as quais resultam cada vez mais diferentes das que se observava cerca de quarenta anos atrás. Há que se considerar, entretanto, a relação entre os aspectos gerais da urbanização contemporânea e as especificidades próprias de cada região. Se as generalizações são importantes para conhecer e identificar o fenômeno em curso,

visto haver traços comuns nas áreas urbanas em todo o mundo, é preciso, entretanto, avançar e destacar as particularidades e distinções de cada lugar.

Neste sentido, apesar de se ressaltar que o fenômeno verificado em Fortaleza insere-se num processo mais amplo, que abrange a maioria das áreas metropolitanas¹⁴ contemporâneas, faz-se necessário investigar e analisar as características das atuais dinâmicas urbanas ora em curso no território cearense. Os próximos itens serão dedicados, portanto, aos resultados da pesquisa empírica realizada com foco no objeto de estudo, isto é, as mudanças verificadas no processo de urbanização recente da área metropolitana de Fortaleza, especificamente aquele observado no eixo sudeste de expansão.

A METRÓPOLE CEARENSE E OS EIXOS DE EXPANSÃO URBANA E METROPOLITANA

Durante as últimas décadas, a área metropolitana de Fortaleza tem experimentado transformações bastante significativas em sua configuração socioespacial. O crescimento recente¹⁵ da metrópole aponta o surgimento de novas espacialidades e formas urbanas; os espaços já não se constituem como no passado, em mancha contínua, contida nos limites político-administrativos do município, com zonas bem definidas, mas se compõem de uma aglomeração que extrapola esses limites, conformando um tecido urbano bem mais complexo, descontínuo, que se estende para além da cidade consolidada.

A partir principalmente das últimas décadas do século XX, a metrópole apresenta mudanças visíveis, expressas em suas paisagens, evidentes em suas

¹⁴ Vale esclarecer que as dinâmicas e os processos que expressam as novas formas de assentamento humano e configurações urbanas não estão restritos aos espaços metropolitanos embora tenha sido neles que primeiramente ocorreram e com níveis de complexidade mais acentuados.

¹⁵ No que se refere ao crescimento demográfico, do ano de 1974, quando foi criada a Região Metropolitana de Fortaleza, para 2010, a população passou de 1.036.779 para 3.610.379 de habitantes, concentrando, respectivamente, 23% e 42% da população do estado, o que representa um acréscimo expressivo.

reconfigurações espaciais, novas morfologias, usos e funções. Surgem periferias urbanas de um tipo distinto daquelas que se formavam até as décadas de 1960. No âmbito da área metropolitana, verifica-se um processo de realocação da população, de diferentes faixas de renda, que passam a ocupar zonas periféricas de baixa densidade ou áreas antes direcionadas para atividades agrícolas. A Fortaleza atual difere radicalmente daquela dos anos 1980, resultado, em grande parte, das transformações produtivas, tecnológicas e sociais, verificadas desde então.

Assim como ocorreu com outras áreas metropolitanas, que tiveram crescimento acelerado, com suas características significativamente alteradas nos últimos tempos, conforme mencionado anteriormente, Fortaleza também passa por um processo de adaptação aos novos tempos, em face das várias mudanças ocorridas, tais como: a descaracterização do centro tradicional e a formação de novas áreas de centralidade; o surgimento de novos padrões espaciais para diversas atividades produtivas; a formação de espaços fragmentados e desarticulados; a adoção de novas formas de vida pela população, devido à maior mobilidade; a segregação socioespacial proveniente da forma diferenciada de uso e apropriação dos espaços públicos e privados; as mudanças no mercado imobiliário e os reflexos no espaço urbano; e a manifestação espacial da atividade turística, traduzida por núcleos dispersos ao longo do litoral.

Afora isso, a metrópole apresenta algumas outras características específicas, como a implantação do Porto do Pecém, inaugurado no ano de 2001, que tem estimulado o aumento da urbanização para o lado oeste; a criação de um corredor industrial na BR-116, com inúmeras indústrias instaladas ao longo da rodovia; o surgimento de novas áreas de centralidade; a construção recente do

Centro de Feiras e Eventos; o aparecimento progressivo de condomínios residenciais horizontais, sobretudo desde a última década, que configuram uma nova tipologia, gerando espaços mais fragmentados¹⁶.

É relevante o papel da infraestrutura viária no processo de expansão urbana e na localização de uma série de atividades implantadas, até poucas décadas atrás, em zonas periféricas da cidade. Fatos novos têm gerado, por vezes, um contexto de dispersão territorial que segue uma lógica de descontinuidade espacial e dilui, em algumas áreas, o limite rural-urbano, alterando sua dinâmica de crescimento, com o que estabelece novas relações espaciais entre centro e periferia.

Constata-se, portanto, que a área metropolitana de Fortaleza encontra-se em pleno processo de expansão, a qual não tem se dado de modo contínuo e uniforme, mas apresenta padrões de crescimento diferenciados, evidenciados a partir de vetores de crescimento urbano, ao longo dos principais eixos viários, partindo da capital.

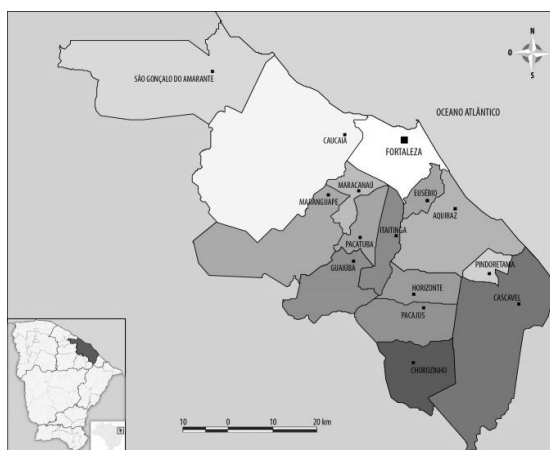
São quatro os vetores identificados (Figura 2), segundo o diagnóstico do Plano Diretor de Fortaleza, de 2003. Os três primeiros relacionam-se às zonas sul e oeste da metrópole, historicamente ligadas a áreas industriais e de habitação popular: o vetor 1 corresponde ao eixo onde se localizam o Distrito Industrial de Maracanaú e os conjuntos habitacionais surgidos nas vizinhanças; o vetor 2 configura-se ao longo da BR-116, concentrando as indústrias situadas nos municípios de Eusébio, Horizonte e Pacajus; o vetor 3 desenvolve-se em direção ao município de Caucaia e ao longo da faixa litorânea oeste, abrangendo o Complexo Industrial Portuário do Pecém. O vetor 4, por sua vez, situa-se no quadrante sudeste da

¹⁶ A fragmentação se refere à dimensão espacial do tecido urbano, quando a mancha urbanizada se configura em espaços desconectados e não conurbados, o que acentua a fragmentação social.

metrópole, em direção aos municípios de Eusébio e Aquiraz. Constitui o eixo imobiliário mais valorizado da metrópole e abrange também equipamentos de lazer e turismo.

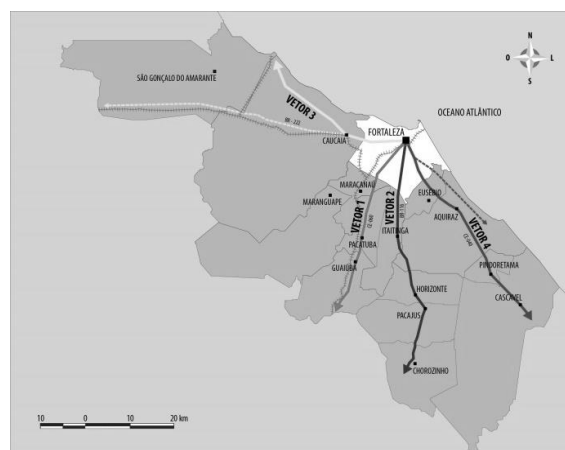
A expansão da área, que corresponde, neste estudo, à Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) (Figura 1), a partir desses vetores, resulta em novas configurações territoriais, provocando tendências de concentração urbana, em certas áreas, bem como de dispersão urbana em outras, sobretudo nas de ocupação mais recente. Cada vetor possui características próprias e distintas, que conferem ao espaço urbano configurações específicas e determinam formas de ocupação e crescimento diferenciadas. Será analisado, no item seguinte, o vetor 4, que corresponde ao setor sudeste da metrópole, onde se verificam mudanças mais significativas e áreas com tendência à urbanização dispersa.

Figura 1: região metropolitana de Fortaleza. Configuração atual. 2009.



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 2: região metropolitana de Fortaleza. Vetores de crescimento urbano e metropolitano. 2009.



Fonte: elaborado pela autora.

O SETOR SUDESTE – DINÂMICAS E ESPECIFICIDADES

O vetor 4 situa-se no quadrante sudeste, em direção aos municípios de Eusébio e Aquiraz. Constitui o mais recente vetor de expansão, marcado pela implantação de inúmeros condomínios residenciais horizontais e pela construção

de megaempreendimentos de turismo na faixa litorânea, onde surgem núcleos voltados inteiramente para essa atividade, gerando formas diferenciadas de tecido urbano. Segundo Smith (2001, p. 11), [...] esse é um eixo que, pelo fato de situar-se fora dos processos onde vêm se intensificando os investimentos industriais de maior envergadura, apresenta vantagens substanciais, tanto como eixo estruturante do turismo quanto pelo efeito de expansão da função moradia, dentro de melhores condições ambientais e paisagísticas da RMF.

Desde as últimas décadas do século passado, o poder público, juntamente com a iniciativa privada – proprietários de terras e empresários –, começou a promover e a dirigir o desenvolvimento da cidade para a zona sudeste, implantando infraestrutura e serviços, construindo grandes obras e equipamentos públicos e abrindo novas vias, como a Av. Washington Soares.

A construção do Shopping Iguatemi e a localização de equipamentos ao longo da Av. Washington Soares, como a Universidade de Fortaleza, o Centro de Convenções e, posteriormente, o Fórum Clóvis Bevilácqua e a FA7 (Faculdade 7 de Setembro), fizeram dessa área um novo centro de interesse da cidade. A transferência do Centro Administrativo do Estado, em 1980, para o bairro do Cambeba, assim como a da sede do poder executivo¹⁷ estadual para o bairro Edson Queiroz, em 2003, também contribuíram para a valorização desse novo eixo. Com a ampliação daquela avenida, os terrenos lindeiros e próximos a ela passaram a valorizar-se ainda mais. Vale destacar ainda nesse eixo, no prolongamento da via em direção ao litoral leste do estado e já nos municípios de Aquiraz e Eusébio, o surgimento de inúmeros condomínios residenciais com unidades unifamiliares, revelando uma tendência de ocupação diferenciada.

Todo o setor sudeste de Fortaleza abrange rico patrimônio ambiental, permeado por importantes recursos naturais, como o rio (e o parque) Cocó, que

¹⁷ A sede do governo estadual voltou a ocupar o Palácio da Abolição, no bairro do Meireles, em 2011.

percorre grande extensão na área, o rio Pacoti, as lagoas Redonda e da Precabura, vegetação diversificada e abundante, além das dunas e de toda a faixa litorânea leste. A área configura-se também como de grande potencial turístico, sobretudo junto ao litoral, onde a implantação de empreendimentos de vulto tem alterado sua fisionomia e atraído novos investimentos.

São três, portanto, as principais dinâmicas observadas no processo de expansão dessa área: a centralidade formada na Av. Washington Soares, a implantação de condomínios e loteamentos fechados no município do Eusébio e a concentração de equipamentos turísticos no litoral de Aquiraz.

A Avenida Washington Soares, uma “centralidade linear”

O trecho inicial do vetor 4 corresponde à Avenida Washington Soares, no bairro Edson Queiroz, nas proximidades do Shopping Iguatemi e do parque do Cocó, prolongando-se até à Casa José de Alencar, no bairro de Messejana.

Essa área, considerada a princípio zona residencial de alta renda – como uma extensão do bairro da Aldeota, eleito bairro de elite da cidade – desenvolveu-se devido ao esgotamento de terrenos naquele bairro. Muitos dos seus moradores são antigos habitantes da Aldeota, que passaram a procurar locais mais aprazíveis para morar, onde havia grande quantidade de terrenos disponíveis para construir suas mansões, já ali inviabilizadas.

O poder público foi em grande parte responsável pela expansão da cidade nessa direção, desde as últimas décadas do século passado. Foram construídos aí grandes obras e equipamentos públicos, além da abertura e do alargamento de vias, como a Av. Washington Soares. A transformação dessa avenida/rodovia¹⁸ (saída da cidade em direção ao litoral leste) em corredor terciário de comércio e serviços traduz-se também como um impacto urbano resultante da tendência

¹⁸ Uma ação estratégica do governo estadual, em 1984, transformou a categoria da via de “municipal” a “estadual” (rodovia).

apontada desde a implantação de loteamentos de veraneio e condomínios residenciais de classe alta nas zonas de praia dos municípios vizinhos (Eusébio e Aquiraz), nas décadas de 1980 e 1990.

A inauguração do Shopping Iguatemi, em 1982 – e sua ampliação em 1992 –, bem como o posterior alargamento da avenida fizeram com que se iniciasse um intenso processo de uso e ocupação do solo em seu entorno, desencadeando um aumento acentuado da atividade terciária ao longo da via, que é considerada atualmente um dos mais dinâmicos eixos imobiliários da cidade (Figura 3). Assim, seguindo a tendência do surgimento de novos centros na direção das camadas de alta renda (VILLAÇA, 1998), tem-se observado, nos últimos anos, a formação de uma nova área de centralidade¹⁹ nesse setor do município de Fortaleza.

Trata-se de uma centralidade que ocorre de forma “linear”, ao longo da av. Washington Soares, e que difere substancialmente de outras já existentes, como é o caso da Aldeota²⁰, mesmo porque ainda se encontra em formação, não estando inteiramente consolidada. Enquanto na Aldeota, em face da carência de terrenos, as novas construções surgem em substituição a imóveis já existentes, que são demolidos, nesse novo centro, grandes equipamentos, como faculdades, centro de convenções, *shoppings* (Figura 4), fórum, escolas, grandes lojas etc., são construídos ocupando terrenos livres às margens da avenida, com amplas áreas de estacionamento.

¹⁹ As “novas áreas de centralidade” são áreas “ligadas ao setor terciário moderno (serviços, comércio, setor financeiro etc.), caracterizadas quase sempre por operações originadas de ações do setor público ou privado, formando enclaves especulativos na cidade” (DIÓGENES, 2005, p. 168). Também são chamadas por alguns autores de “novas centralidades”, que constituem, segundo Meyer e Grostein (2010, p. 28), “novos pólos geograficamente distribuídos no território metropolitano, que cumprem, sobretudo, funções ligadas ao setor de serviços anteriormente concentradas no Centro”.

²⁰ O bairro de Aldeota abriga importante centralidade na cidade de Fortaleza.

Figura 3: Fortaleza. Av. Washington Soares. 2009.



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/show-thread.php?t=258394>

Figura 4: Fortaleza. Equipamentos comerciais na avenida w. Soares. 2009.



Fonte: acervo autora.

À semelhança do que ocorre em outras capitais, como por exemplo, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, na Av. Paralela, em Salvador, e no eixo sul de expansão de Belo Horizonte, na direção de Nova Lima, a Avenida Washington Soares constitui, portanto, a nova localização privilegiada de sedes de empresas, edifícios de escritórios, equipamentos culturais, instituições de educação superior e serviços avançados. Esse trecho inicial do vetor 4 configura-se, assim, como uma área de centralidade em expansão, reforçada com a inauguração do Centro de Eventos de Fortaleza²¹ em 2012.

A emergência de novas centralidades em Fortaleza, como a que se forma nessa área, relaciona-se às transformações recentes por que passa a metrópole cearense, as quais, por sua vez, se inserem nas dinâmicas espaciais que caracterizam a metrópole contemporânea, em consequência das mudanças estruturais de caráter econômico e social ocorridas desde as últimas décadas. O fenômeno abrange inovações relacionadas com a metrópole polinucleada – ou policêntrica,

²¹ A localização do Centro de Eventos nessa área abrangeu toda uma reformulação no sistema viário do entorno.

como preferem alguns autores –, num contexto de novas infraestruturas de comunicações e de informática, de novas modalidades de economia terciária e novos padrões de consumo, além das possibilidades oferecidas pelo transporte individual.

Os condomínios fechados na periferia metropolitana

O trecho seguinte desse vetor de expansão corresponde à CE-040, que segue em direção ao litoral leste do estado. Ao longo da rodovia, já no município do Eusébio, veem-se, concentrados nessa área, inúmeros condomínios horizontais, de várias formas e dimensões (Figura 5), destinados às classes média e média-alta, os quais revelam processos contemporâneos de produção do espaço da metrópole. Trata-se de territórios fechados dentro do tecido urbano, que se multiplicam velozmente.

Uma das características das mudanças que estão ocorrendo é a formação de áreas de tecido urbano na periferia de algumas cidades, em descontinuidade ao já existente. Ao mesmo tempo, constata-se a formação de novos núcleos, com múltiplas formas de utilização, em pontos isolados, entre várias cidades, que correspondem mais exatamente ao que estamos chamando de urbanização dispersa ou difusa. (REIS, 2007, p. 49).

Observações de campo evidenciam a crescente ocupação dos chamados condomínios fechados no eixo sudeste de expansão metropolitana. O Condomínio Alphaville – já presente em outras cidades do país²² e com dois empreendimentos em Fortaleza, ambos situados nesse vetor sudeste (Figura 6) – inaugurou um novo padrão de uso e ocupação do solo, e outros foram surgindo conforme esse

²² “Alphaville é uma franquia que difunde uma nova concepção de moradia supostamente alternativa à cidade convencional, em cujas periferias, ironicamente, os empreendimentos se instalam” (COSTA, 2006, p. 119). Criado em 1975, o Alphaville tornou-se, a partir de então, sinônimo de um estilo de vida diferenciado, que se estendeu a outros estados do Brasil e chegou ao exterior.

modelo. Os condomínios se localizaram principalmente no percurso da trajetória de ocupação do vetor leste/sudeste pelas classes média e alta e na consequente expansão urbana e/ou metropolitana a ela associada (VILLAÇA, 1998).

O fato é que esse setor vem se configurando como área preferencial de expansão habitacional da classe média fortalezense, que busca áreas mais afastadas – embora nas proximidades da capital – e tranquilas, com segurança e maior contato com a natureza, tudo o que oferece esse tipo de moradia. O preço dos terrenos também atua como atrativo, já que são mais baixos do que aqueles praticados nas áreas urbanizadas e, assim, cada vez mais as pessoas elegem o condomínio fechado como local preferido de moradia.

O município do Eusébio é o preferido para a localização de condomínios de casas. Segundo o Sindicato das Empresas de Compra, Venda e Locação de Imóveis do Ceará (SECOVI-CE), a área concentra hoje 25 empreendimentos em construção, além dos já concluídos, em mais de uma década de expansão ininterrupta. São inúmeros os anúncios veiculados na internet sobre condomínios horizontais na zona sudeste de Fortaleza, os quais exploram, sobretudo, a segurança, o contato com a natureza e a área verde, a melhor qualidade de vida, o acesso a equipamentos coletivos de lazer e a infraestrutura, que atuam como atrativos para esse tipo de empreendimento. Utilizam, enfim, a estratégia de “vender” uma qualidade de vida que a capital não possui.

Os condomínios fechados, oferecidos por vezes de forma ilegal às classes média e alta das cidades brasileiras como resposta às novas/velhas demandas de acesso à habitação, têm representado cada vez mais uma promessa de melhor qualidade de vida urbana a ser conseguida a partir de um estilo de vida exclusivo e de uma eventual fuga da violência que permeia as áreas urbanas nos tempos atuais. (MONTE-MOR; BHERING, 2006, p. 291).

Figura 5: Fortaleza. Loteamentos fechados e condomínios horizontais próximos à ce-040. 2009.



Fonte: Google Earth.

Figura 6: Fortaleza. Condomínio Alphaville Eusébio. 2010.



Fonte: investfortaleza.com/index.php?id1&id_prd1

A questão da acessibilidade também é considerada e concorre para o incremento desses condomínios, sobretudo depois da duplicação da Av. Washington Soares e da CE-040, facilidade de que gozam esses empreendimentos, ainda que situados em áreas mais distantes. Cabe ressaltar que a instalação dos condomínios está diretamente ligada ao aumento da mobilidade, ou seja, ao transporte particular.

A crescente ampliação de condomínios e loteamentos fechados nessa área tem redefinido a dinâmica urbana do município do Eusébio. Grande parte de seu território (76,583 km²) já é considerada urbana, resultado do intenso processo de parcelamento do solo pela transformação de propriedades rurais em loteamentos para esses empreendimentos.

A moradia nos condomínios fechados, se, por um lado, permite uma maior “proximidade da natureza” e um relativo isolamento dos “incômodos” da cidade, por outro, reforça os valores da autosegregação espacial e isolamento. Além disso, sua implantação tem impacto marcante no território, na medida em

que provoca uma radical transformação da paisagem natural, com a supressão da vegetação original, considerando ainda que muitas vezes resultam em espaços construídos monótonos, com ruas vazias, muros altos, cercas elétricas e rígido sistema de vigilância. Implicam também a perda da interação social, da vida urbana, com a ausência total das pessoas nas ruas, confinadas em seus “guetos”. Trata-se, de fato, de espaços apartados da urbe, ou, como denominam Soja (2000) e Caldeira (1997), de “enclaves fortificados”, evidenciando grande descontinuidade no tecido urbano. No entanto, seus moradores mantêm total vinculação à capital, pois precisam se deslocar diariamente para o trabalho, escolas, lazer, comércio e serviços, atividades que não existem ali. Reforça-se assim a estreita dependência do automóvel particular.

O que se pode afirmar é que a construção de condomínios fechados, como núcleos autônomos no município do Eusébio, contribuiu para o espraiamento da área urbanizada metropolitana.

A atividade turística no litoral leste

O vetor sudeste apresenta uma ramificação que acompanha a faixa litorânea leste do estado, onde grandes extensões de praia, antes desabitadas ou ocupadas por comunidades nativas e colônias de pescadores, transformam-se aos poucos, dando lugar aos grandes *resorts*²³ e cadeias hoteleiras, residências de férias, parques temáticos, restaurantes e outros equipamentos ligados ao turismo e lazer.

Essa ramificação parte da Avenida Washington Soares, prosseguindo pela Av. Maestro Lisboa, espécie de ramal que se transforma, mais adiante, na rodovia

²³ Os *resorts* são meios de hospedagem com configurações espaciais elitizadas, localizadas preferencialmente em áreas naturais preservadas e, muitas vezes, distantes de áreas urbanizadas. São verdadeiros enclaves nas comunidades onde se instalam; formam um mundo isolado e utilizam uma variedade de estratégia para reter o turista, sem dar-lhes chances de sair desses ambientes, para divertimento e consumo fora de suas dependências. Têm, como frequentadores, clientes de alto poder aquisitivo, que podem pagar pelo lazer de luxo.

CE-025, por meio da qual se tem acesso às primeiras praias situadas a leste de Fortaleza. Essa via teve um aumento de fluxo expressivo desde a inauguração do Complexo Turístico Beach Park, em 1985, já que constitui o principal acesso a essa zona destinada ao turismo. Toda a área situada às suas margens, anteriormente formada em grande parte por sítios, atualmente passa por um processo de alteração do seu espaço urbano, com o surgimento de inúmeros condomínios horizontais, construções de grandes colégios e de equipamentos comerciais e de serviço.

A CE-025 pode ser considerada via paisagística, uma vez que percorre uma zona com abundante vegetação e recursos naturais²⁴ – mangue, rios, lagoas e dunas, a foz do rio Pacoti e grandes extensões de praia –, fator bastante explorado pelo setor imobiliário quando da comercialização dos terrenos na área. A atividade turística aí desenvolvida tem como um dos principais marcos a valorização da paisagem e do lazer litorâneo.

Essa área é a que expressa, de modo mais explícito, o modelo de desenvolvimento turístico adotado pelo Estado²⁵ e por meio do qual a atividade turística e a expansão imobiliária se manifestam com mais intensidade. Inclui o Porto das Dunas e as praias Prainha, Presídio, Iguape e Barro Preto.

²⁴ “De acordo com o zoneamento previsto na última lei de uso e ocupação do solo (PDDU-FOR, 1996), a maior parte dessa área se encontra dentro da Zona de Uso Sustentável-ZUS definida pelo zoneamento da APA, onde se descortina uma das mais belas paisagens do lugar, entre os coqueirais, a barra do rio e o mar. Do Porto das Dunas, quando se cruza a ponte sobre o rio, observa-se a paisagem marcante em torno da APA que lhe atribui um significado, agregando valor mediante a imagem de preservação do meio ambiente, um recurso inestimável, cada vez mais valorizado nos países mais desenvolvidos. Hoje, corre o risco de ser reduzida e alterada” (MONTENEGRO JR., 2006, p. 143).

²⁵ O Estado tem investido bastante na área do turismo, o qual tende a crescer cada vez mais. As políticas públicas implementadas pelo “Governo das Mudanças”, desde 1987, previram uma forte intervenção do Estado, dando prioridade a dois setores: a indústria e o turismo. Essas ações provocaram um forte incremento do fluxo turístico dirigido para o estado e para a capital, que nos últimos anos se converteu em importante polo receptor de turistas. O turismo assume, assim, papel de destaque na economia cearense e surge como grande possibilidade de geração de emprego e renda para a região.

Porto das Dunas é como se denomina toda a área situada próximo à foz do rio Pacoti, que abrange a faixa litorânea e cerca de um quilômetro ao sul, incluindo as dunas. Toda essa área passou a ser ocupada no início dos anos 1980, quando foi criado um grande loteamento²⁶ voltado para as classes média e alta, valorizado pelas qualidades paisagísticas, com belezas naturais exuberantes, proporcionadas pelo mar, dunas e o conjunto de vegetação litorânea, às margens de um rio de águas limpas. A proximidade de Fortaleza (cerca de 15 km) constituiu outro fator de atração, aliado à vantagem da ausência dos congestionamentos da capital.

O loteamento do Porto das Dunas foi rapidamente comercializado, transformando-se em pouco tempo numa espécie de bairro de perfil turístico e residencial. Logo foram construídas inúmeras residências de veraneio e condomínios voltados para o lazer. Em 1985 foi inaugurado o complexo do Beach Park, considerado a principal âncora de toda essa área. Situado junto à zona de praia, foi o primeiro empreendimento de grandes dimensões voltado para o turismo, lazer e entretenimento construído no Ceará, e logo extrapolou as suas funções iniciais de parque aquático, compondo-se, além do parque, de hotel de nível internacional, restaurante, bar, barraca de praia e lojas. Tem sido continuamente ampliado e fez surgir nas vizinhanças todo um complexo direcionado ao turismo, como hotéis, restaurantes, condomínios de lazer e apart-hotéis, formando uma aglomeração significativa.

É expressiva a ocorrência de condomínios fechados²⁷, de lazer, construídos nas proximidades do empreendimento, junto à orla. Alguns fazem parte do próprio complexo e todos obedecem à mesma tipologia: edifícios residenciais de até quatro pavimentos em torno de ampla área de lazer, composta de quadras

²⁶ O loteamento foi idealizado e viabilizado pelo empresário João Gentil Jr., proprietário da “Sociedade Porto das Dunas Limitada”, a qual financiou a construção da atual ponte sobre o rio Pacoti, que liga Fortaleza ao loteamento (via CE-025), proporcionando assim o acesso à área.

²⁷ Esses condomínios, ao contrário dos resorts, são destinados preferencialmente à população cearense, que utiliza o imóvel como residência de lazer, embora alguns sejam comercializados para estrangeiros.

esportivas, clube, restaurante, piscinas, *playground* etc. Observa-se que todos se situam junto à faixa de praia, são cercados por muros e possuem controle rígido de segurança e acesso restrito, configurando a noção de “enclausuramento”, comum a esse tipo de equipamento, que exemplifica a emergência de um novo padrão de organização do espaço urbano. A ocupação da área é predominantemente horizontal, com residências implantadas de modo a se ajustar à topografia das dunas, cuja visibilidade, juntamente com a do mar, já começa a ser ameaçada com a presença de alguns edifícios de até cinco pavimentos.

Além do Porto das Dunas, outros núcleos são vistos ao longo do litoral, correspondentes às praias Prainha, Presídio, Iguape e Barro Preto, todos ainda no município de Aquiraz. São aglomerações formadas principalmente por casas de veraneio, pequenas pousadas e restaurantes, surgidos de modo mais espontâneo, ora onde havia colônia de pescadores, ora em loteamentos propostos desde a década de 1970. Essas aglomerações são pequenas extensões de terras urbanizadas, dispostas ao longo do litoral, distanciadas entre si, constituindo assim uma forma de dispersão.

Empreendimentos de grande porte, também ligados a turismo, hotelaria de lazer e férias, estão sendo progressivamente implantados no espaço metropolitano, já tendo sido inaugurados dois deles: o Aquiraz Riviera e o Catu Residence Yacht & Spa. E vários outros são previstos para os próximos anos.

O Aquiraz Riviera (Figura 7) é um megaempreendimento, do tipo *resort* integrado²⁸, situado próximo à praia do Presídio, a cerca de 25 km da capital. O complexo deverá ocupar, quando totalmente concluído, uma área de 300 ha, sendo 1.800 metros de frente para o mar, com investimento total estimado em torno de U\$ 350 milhões. O *resort*, em seu conjunto, prevê a construção de oito

²⁸ Os chamados *resorts* integrados constituem uma tendência recente do mercado imobiliário e se traduzem em megaempreendimentos que abrangem, além do equipamento hoteleiro, centros de comércio e serviços, loteamentos diversos, segundas residências (casas e/ou apartamentos), campos de golfe, restaurantes etc.

hotéis de grande porte²⁹, seis pousadas temáticas, um campo de golfe de dezoito buracos, um centro de tênis, lojas comerciais, unidades de residência turística – unifamiliares e multifamiliares – e um *Village Mall*, com centro de convenções e áreas de comércio, de serviços e de animação, com restaurantes e bares.

Também já concluído no litoral do município de Aquiraz, embora de menores proporções, o Catu Residence Yacht & Spa (Figura 8) é um condomínio de lazer de luxo. Localizado às margens da Lagoa Catu, próximo à Prainha, possui 740 apartamentos de luxo, em blocos de até quatro pavimentos, além de equipamentos coletivos de lazer, com 13 piscinas espalhadas ao longo do complexo, pista de cooper, lago artificial, centro de convenções, restaurantes, lojas de conveniência e grande extensão de áreas verdes.

**Figura 7: Fortaleza. Complexo aquiraz rivi-
era. 2010.**



Fonte: [http://media.photobu-
cket.com/image/aquiraz%20rivi-
era%20golf%20resort/ricc_album/aquiraz.jpg](http://media.photobucket.com/image/aquiraz%20rivi-
era%20golf%20resort/ricc_album/aquiraz.jpg)

**Figura 8: Fortaleza. Condomínio catu resi-
dence. 2009.**



Fonte: [http://img144.ima-
geshack.us/img144/3721/ft12283120068483
9amgzo.jpg](http://img144.ima-
geshack.us/img144/3721/ft12283120068483
9amgzo.jpg)

A atividade turística, pois, tal como se manifesta nessa região, ou seja, na faixa litorânea leste do estado, tem resultado em transformações significativas

²⁹ O primeiro hotel, D. Pedro Laguna, foi inaugurado em dezembro de 2010.

no espaço, ocupando trechos ainda não urbanizados, agindo também na remodelação da paisagem. Os novos equipamentos que surgem não só utilizam o espaço natural ou construído, como passam também a recriá-lo, resultando em novas formas de tecido urbano.

O uso e a apropriação do território pelo turismo se inserem, como se observa, nas tendências da urbanização contemporânea, que se caracteriza, principalmente, pela dificuldade de mensurar e controlar a forma, os limites e o crescimento da cidade, uma vez que sua estruturação se diferencia do modelo de cidade dita tradicional. Percebe-se, assim, que a configuração e a visibilidade espacial do turismo obedecem à intensificação da dispersão urbana verificada atualmente, que leva à descentralização e à fragmentação, induzindo formas de urbanização diferenciadas, pois, como observa Reis (2006, p. 135), “os padrões de urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano difundem-se também com facilidade nas áreas turísticas do litoral e do planalto, ocupadas pelas faixas de renda média e alta”.

De fato, esse processo pode ser verificado na ocupação da faixa litorânea do litoral de Aquiraz, onde surgem núcleos urbanos voltados exclusivamente para fins turísticos, ou núcleos existentes convertidos em polos turísticos, que, embora descontínuos, mantêm ligação direta com a metrópole central, graças ao desenvolvimento da mobilidade. A ocupação da faixa litorânea leste da RMF obedece, pois, às novas tendências de urbanização observadas atualmente, induzindo formas de urbanização diferenciadas, manifestadas nos grandes equipamentos de lazer e turismo, além de parques temáticos e condomínios fechados, sem continuidade com o tecido urbano do município de Fortaleza, evidenciando o fenômeno da dispersão urbana e resultando também em processos de fragmentação e segregação socioespacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de expansão da metrópole cearense tem apresentado, desde as últimas décadas, uma complexidade crescente, da qual resultam novas configurações territoriais, provocando tendências de concentração urbana, em certas áreas, bem como de dispersão urbana em outras, sobretudo nas de ocupação mais recente.

A expansão do setor sudeste, em direção aos municípios de Eusébio e Aquiraz evidencia um processo de descentralização para o qual contribuíram a formação de uma nova área de centralidade, a instalação dos primeiros condomínios residenciais horizontais e a localização dos equipamentos turísticos na faixa litorânea, dinâmicas associadas à ação do poder público³⁰ e do mercado imobiliário.

Esse movimento, apesar de suas especificidades, deve ser entendido num contexto mais amplo, inserido que está nos processos de urbanização contemporânea, caracterizados pela difusão de novos estilos de vida, de moradia e de novos hábitos de consumo.

No que se refere ao tecido urbano, os núcleos mais dispersos formados por condomínios residenciais fechados, loteamentos e grandes equipamentos de turismo e lazer, com forte apelo ambiental, apresentam geralmente baixa densidade, distinguindo-se de áreas periféricas que caracterizaram a expansão urbana em décadas anteriores, sem infraestrutura adequada, ocupadas em geral pela população de baixa renda e em continuidade com o tecido urbano da cidade dita tradicional.

REFERÊNCIAS

³⁰ O poder público atua na implementação de obras de infraestrutura, que consistem na construção ou reestruturação de estradas e ações de saneamento básico, assim como na instalação de equipamentos que contribuam para o desenvolvimento do turismo. A ampliação e a melhoria da malha viária possibilitaram a atuação do mercado imobiliário, incentivando a ocupação nessa área da metrópole.

AMENDOLA, Giandomenico. *La ciudad postmoderna – magia y miedo de la ciudad contemporânea*. Madrid: Celeste Ediciones, 1997

ASCHER, François. *Metapolis ou l'avenir des villes*. Paris: Odile Jacob, 1995.

_____. *Les nouveaux principes de l'urbanisme*. Paris: Édition de l'Aube, 2001.

CALDEIRA, Teresa P. do R. *Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana*. São Paulo: Novos Estudos, 1997.

CANCLINI, Néstor. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CASTELLS, Manuel. *The informational city: information technology, economic restructuring, and the urban-regional process*. Oxford: Basil Blackwell, 1989

_____. *The Rise of the Network Society*. Cambridge/MA: Blackwell, 1996

_____. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Heloisa S. de M. et al. *Novas periferias metropolitanas*. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

COSTA, Heloisa S. de M.; MONTE-MÓR, Roberto L. de M. Expansão metropolitana, dispersão urbana e condomínios horizontais na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: REIS, Nestor G.; TANAKA, Marta M. S. *Brasil – estudos sobre dispersão urbana*. São Paulo: LAP/FAPESP, 2007.

DEMATTEIS, Giuseppe. Suburbanización y periurbanización. Ciudades anglosajonas y ciudades latinas. In: MONCLÚS, Francisco J. *La ciudad dispersa – suburbanización y nuevas periferias*. Barcelona: C. C. Contemporânea de Barcelona, 1998.

DE MATTOS, Carlos. Globalização, urbanização da economia e expansão metropolitana. In: CASTRO, Iná E. de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Cláudio A.; (Orgs.). *Redescobrimo o Brasil 500 anos depois*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 27-40.

_____. Redes, nodos e cidades: transformação da metrópole latino-americana”. In: RIBEIRO, Luiz C. Q. *Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito*. Rio de Janeiro: Fase, 2004.

DIÓGENES, Beatriz H. Na. *A centralidade da Aldeota com expressão da dinâmica intra-urbana de Fortaleza*. 2005. 198f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2005.

FISHMAN, Robert. *Bourgeois Utopias: The rise and fall of suburbia*. New York: Basic Books, 1987.

FONT, Antóni. *La construcció del territori metropolità – morfogenesi de la regió urbana de Barcelona*. Barcelona: Mancomunitat de municipis de l'area metropolitana de Barcelona, 1999.

GARREAU, Joel. *Edge Cities*. New York: Anchor Books, 1991.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Peter. *Cidades do amanhã*. Uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano no século XX. São Paulo: Perspectiva, 1993

INDOVINA, Francesco. *La città diffusa*. Venezia: Daest, 1990.

_____. La ciudad difusa. In: RAMOS, Angel M. (Ed.). *Lo urbano en 20 autores contemporáneos*. Barcelona: Edicions UPC, 2004.

LIMONAD, Ester. Urbanização dispersa: mais uma forma de expansão urbana? *Formação, Presidente Prudente*, vol. 1, n. 14, 2007, p. 31-45. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/705/728>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2009.

_____. Alguns apontamentos sobre a urbanização dispersa no estado do Rio de Janeiro. In: REIS, Nestor Goulart. *Sobre Dispersão Urbana*. São Paulo: Via das Artes, 2009.

MEYER, Regina; GROSTEIN, Marta D. *A leste do centro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

MONCLÚS, Francisco J. *La ciudad dispersa – suburbanización y nuevas periferias*. Barcelona: Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, 1998.

MONTE-MOR, Roberto L. de M.; BHERING, Iracema G. de A. Dinâmica do crescimento das cidades brasileiras: pobres periferias ricas. In: COSTA, Heloisa;

MONTE-MOR, Roberto L. de M. *Novas periferias metropolitanas*. Belo Horizonte: C/Arte, 2006, p. 291-312.

MONTENEGRO JR., Ignácio. *Turismo e urbanização: gestão de impactos no litoral de Aquiraz-CE*. 2004. 239f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio ambiente) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

PORTAS, Nuno. As políticas de reforço da centralidade. In: ALMEIDA, Marcos A. R. *Os centros das metrópoles*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2001.

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro. *Políticas urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

REIS, Nestor G. *Urbanização e Teoria*. São Paulo: Gráfica Urupês, 1967.

_____. *Evolução Urbana no Brasil*. São Paulo: Editora Pioneira, 1968.

_____. *Notas sobre urbanização dispersa e mudanças no tecido urbano*. São Paulo: Via das Artes, 2006.

_____. *Dispersão urbana: diálogo sobre pesquisas Brasil-Europa*. São Paulo: Via das Artes, 2007.

_____. *Sobre Dispersão Urbana*. São Paulo: Via das Artes, 2009.

SASSEN, Saskia. *The global city*. Nova York: Princeton, University Press, 1991.

SIEVERTS, Thomas. *Cities without cities - un interpretation of zwischenstadt*. New York: Taylor & Francis, 2004.

SOJA, Edward. *Geografias Pós-Modernas. A reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*. New York: Blackwell, 2000.

SPOSITO, Maria E. B. *Novas formas de produção do espaço urbano no estado de São Paulo*. In: REIS, Nestor G. *Brasil: estudos sobre dispersão urbana*. São Paulo: Via das Artes, 2007.

_____. Urbanização difusa e cidades dispersas: perspectivas espaço-temporais contemporâneas. In: REIS, Nestor G. *Sobre Dispersão urbana*. São Paulo: Via das Artes, 2009.

SMITH, Roberto. *A dinâmica da RMF e os vetores da expansão territorial*. Mimeo. Fortaleza, 2001.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

WEBBER, Melvin. The urban place and the nonplace urban realm. In: _____. (Ed.) *Explorations in urban structures*. Philadelphia. Philadelphia Press, 1964.